

NIOMAR NO *CORREIO DA MANHÃ*: JORNALISMO E RESISTÊNCIA¹NIOMAR AT *CORREIO DA MANHÃ*: JOURNALISM AND RESISTANCENIOMAR EN EL *CORREIO DA MANHÃ*: PERIODISMO Y RESISTENCIA*Clara Quinteiro Hernandez²*
*Fernanda Mendes Ferreira³***RESUMO**

O artigo descreve a trajetória de Niomar Moniz Sodré, evidenciando as influências que teve durante sua vida e abordando, sobretudo, sua atuação no jornal carioca *Correio da Manhã* entre 1964 e 1969. A jornalista dirigiu o periódico em sua penúltima década, num contexto ditatorial caracterizado pelo cerceamento das liberdades de expressão. A imprensa foi alvo da censura e a postura combativa de Niomar refletiu-se fortemente no jornal sob sua direção. Mostra, enfim, como o *Correio da Manhã* ficou marcado como um veículo de resistência em meio a censura e autoritarismo daquele período.

Palavras-chave: Niomar Moniz Sodré. *Correio da Manhã*. Jornalismo. Ditadura.

ABSTRACT

The text shows the path of Niomar Moniz Sodré, highlighting the influences she had during her life, but, above all, approaching her role in the carioca newspaper *Correio da Manhã* between 1964 and 1969. The Brazilian journalist was the head of the periodical close to its end, in a dictatorial context permeated by the lack of freedom of expression. The press was clearly a censorship target and Niomar's combative attitude against that background strongly reflected on the newspaper under her command. Revealing, therefore, how the *Correio da Manhã* was a resistance vehicle among censorship and authoritarianism of those times.

Key words: Niomar Moniz Sodré. *Correio da Manhã*. Journalism. Dictatorship.

RESUMEN

El artículo describe la trayectoria de Niomar Moniz Sodré, destacando las influencias que tuvo a lo largo de su vida, pero, sobre todo, abordando su actuación en el periódico carioca *Correio da Manhã* entre 1964 y 1969. La periodista dirigió el periódico en su penúltima década, en un contexto dictatorial caracterizado por la ausencia de las libertades de expresión. La imprenta fue el blanco de la censura y la actitud de ataque de Niomar se reflejó en el periódico bajo su dirección. Finalmente, se enseña como el *Correio da Manhã* quedó marcado como un medio de resistencia durante la censura y el autoritarismo de aquella época.

Palabras clave: Niomar Moniz Sodré. *Correio da Manhã*. Periodismo. Dictadura.

¹ Artigo apresentado como trabalho de conclusão da disciplina História da Comunicação e do Jornalismo na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob supervisão da professora Marialva Barbosa

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

³ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. INTRODUÇÃO

Entre 1964 e 1986 o Brasil viveu um longo período de ditadura militar que afetou diretamente diversos setores da sociedade – com destaque para a imprensa. Entre decretos, sanções e atos institucionais, o governo buscou a todo custo o controle dos veículos midiáticos, fossem eles jornais diários, revistas e outros periódicos, além dos meios audiovisuais, tais como a televisão e o rádio⁴. Já em 1964, a criação do Sistema Nacional de Informação garantia a comunicação e circulação de informações entre os diversos órgãos e setores governamentais indicando o que estava reservado para os anos subsequentes. A repressão e o cerceamento atingem seu ápice com a promulgação do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968. O decreto significou, literalmente, a institucionalização da censura. Houve a entrada dos censores nas redações e um controle ferrenho do conteúdo a ser publicado nas plataformas jornalísticas (BARBOSA, 2013). Com a clara intenção de levar à insolvência os jornais contrários ao regime, os militares também operaram através da manipulação de verbas publicitárias e pressões sobre anunciantes, promovendo sem reservas aqueles que eram favoráveis ao regime.

É nesse cenário que a protagonista desse artigo se insere. Natural de Salvador, Niomar Moniz Sodré assume a direção do matutino carioca *Correio da Manhã* em 1964 e permanece à frente do periódico até 1969. Nascida em 1916, desde muito cedo se interessou pelo mundo das artes e da leitura⁵. Começou a escrever crônicas, peças teatrais e contos, além de desenvolver encanto pelas obras dos pintores impressionistas como Van Gogh e Gauguin. Para Feith (2020), Niomar nasceu rebelde. Já aos 12 anos é expulsa do colégio católico em que estudava – o *Sacre Coeur de Jesus* – por se recusar a seguir as orientações das freiras. Vê sua vida tomar um novo rumo ao se apaixonar pelo primo, Hélio Moniz Sodré Pereira, e, como a família não aprova a união, decidem fugir para o Rio de Janeiro. Aos 16 anos casa-se com Hélio e mais tarde, em 1932, tem seu único filho, Antônio Moniz Neto.

⁴ Sobre a questão da censura aos meios de comunicação cf., sobretudo CARNEIRO, 2002.

⁵ As informações biográficas sobre Niomar Moniz Sodré Bittencourt foram retiradas de CORRÊA (2012) e do verbete sobre Niomar Moniz Sodré Bittencourt do Dicionário Biográfico da FGV, disponível em <http://esquecidaniomar.blogspot.com/2012/08/biografia-de-niomar-por-flavia-bessone-i.html>. Acesso em: 07 jul. 2019. e <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbetes-biografico/niomar-muniz-sodre-bittencourt>. Acesso em: 07 jul. 2019.

Colaborou em jornais e revistas, como *A Noite*, *Vamos Ler* e *Carioca*, e no início da década de 1940 ganha o posto de articulista no *Correio da Manhã* e conhece Paulo Bittencourt, até então proprietário do jornal. Bittencourt teria se encantado pelo temperamento forte e pela inteligência aguda de Niomar, mesmo ambos sendo casados. Só após muitos escândalos e diversos processos jurídicos – em meio disso, Niomar perde a guarda do filho por ser acusada de adultério – conseguem assumir o relacionamento e ela passa a ser conhecida como Niomar Moniz Sodré Bittencourt.

Começa, então, um novo período de sua vida. Seu marido apresenta a ela o prazer de viajar. Em 1941, tem a oportunidade de sair do país pela primeira vez e ir aos Estados Unidos, onde pôde conhecer e apreciar as obras de artistas que admirava. Durante suas viagens, começou a colecionar obras de artes que serviram de inspiração para o projeto que, mais tarde, culminaria com a construção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), inicialmente dirigido por ela. Reuniu em torno de si um círculo de relações com pessoas da alta sociedade nacional e internacional. Sua imagem começa a ganhar elegância e sofisticação.

Tornou-se personagem essencial do colunismo social carioca e uma das principais divulgadoras da arte moderna no país ao atuar nas seções especializadas de diversos jornais brasileiros, inclusive nos concorrentes do *Correio da Manhã*. O casal viveu grande ascensão social, política e econômica durante a década de 50, contudo, no ano de 1963, Paulo Bittencourt, veio a falecer devido a um câncer no pulmão. Niomar, então, assume a direção do *Correio da Manhã*.

Ao falar sobre Niomar, objetiva-se compreender a sua postura combativa durante os anos que chefiou o periódico e como essa atitude teve reflexos diretos não apenas na imagem do *Correio da Manhã* naquele momento, mas na construção de uma memória futura e duradoura do próprio periódico. O *Correio* é, ainda hoje, lembrado como símbolo de resistência daquele período. E, graças ao “espírito” de Niomar, foi possível publicar muitas vezes o impublicável em momentos de cerceamento da liberdade de imprensa e desafiar o governo (POERNER, 2010, p. 79). A reflexão que rege este artigo procura responder a seguinte questão: até que ponto, em meio ao conturbado momento político do país, com mudanças no panorama da imprensa carioca e brasileira, a oposição ao regime imposta pela direção de Niomar teria sido responsável pela construção da imagem de “jornal combativo” atribuída ao *Correio da Manhã*?

2. NIOMAR NO *CORREIO DA MANHÃ*: JORNALISMO E RESISTÊNCIA

O *Correio da Manhã*, fundado durante o Governo de Campos Sales pelo advogado Edmundo Bittencourt, começou a circular em 15 de junho de 1901. Desde seu lançamento procurou autocaracterizar-se como um jornal de oposição e, sobretudo, marcado pela postura independente (BARBOSA, 2007). Desde a primeira década de sua circulação, era um jornal popular, rivalizando, na época, com o *Jornal do Brasil*, o periódico carioca então de maior circulação. Enquanto o *Jornal do Brasil* em 1905 alcançava a expressiva tiragem de 60 mil exemplares, o *Correio* atingia na primeira década de sua publicação 30 mil exemplares (BARBOSA, 2010, p. 124).

Portanto, desde o seu lançamento, procurou adotar um viés oposicionista e, por vezes, panfletário, marcando a imagem de independência perante o governo. Em janeiro de 1923, com quase 22 anos de sua fundação, assume a direção do periódico Paulo Bittencourt, filho do fundador do jornal, de apenas 26 anos. Sob sua a direção, cresceu em circulação e publicidade e, principalmente, modernizou-se (ANDRADE, 1991, p. 63). Quando Paulo morreu em 1963, o *Correio da Manhã* era um dos jornais mais influentes do Rio de Janeiro além de um negócio de sucesso (CORRÊA, 2001, p. 86).

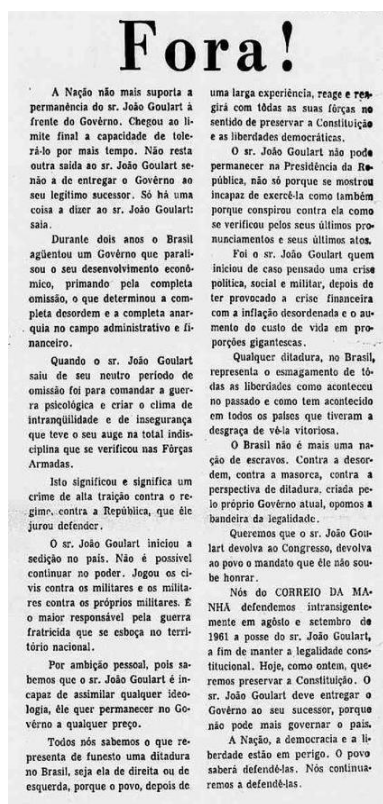
O ano de 1963 para o jornal caracterizou-se, portanto, como um período de transição entre diversos acontecimentos, dentre eles a morte de Paulo Bittencourt e a posse de sua mulher Niomar Moniz. Já no ano de 1964, destaca-se pelo posicionamento do jornal favorável à deposição do presidente João Goulart. Defendendo o ponto de vista de que Jango não era mais digno do seu posto no governo brasileiro, saudava a intervenção militar como única forma de salvar o país. No período inicial da ditadura militar, nas edições de 31 de março e 1º de abril de 1964, o jornal estampou os editoriais “Basta!” (figura 1) e “Fora!” (figura 2) apoiando a tomada do poder pelos militares e o afastamento do Presidente João Goulart. Entretanto, logo após a instauração dos primeiros atos institucionais discricionários, o jornal passa a combater o novo regime, sofrendo diretamente as consequências da adoção desse posicionamento.

Figura 1 – Editorial “Basta!” de 31/03/64



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Figura 2 – Editorial “Fora!” de 01/04/64



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Portanto, a posição tomada pelo jornal a partir da posse de Niomar continua a ser de forte oposição aos governos baseado no seu caráter legalista, independente, liberal – às vezes com uma face claramente conservadora – e combativo. Assim, se no início da ditadura de 1964, o *Correio da Manhã* defendia abertamente a intervenção militar, a partir do momento em que se vê ameaçado pelo governo, passa a combater os Atos Institucionais lançados ao longo dos anos ditatoriais, que procuravam, de maneira geral, cercear as liberdades individuais. O *Correio da Manhã* teve a sua fase gloriosa, tornando-se, em 1964 e 1965, o baluarte das liberdades individuais, no protesto e na denúncia das torturas, das arbitrariedades que passaram a constituir o cotidiano da vida brasileira. (SODRÉ, 1999, p. 500).

Após o Ato Institucional nº 1, em abril de 1964, é publicado o editorial “Terrorismo, não” – os editoriais eram obras coletivas, e os mais importantes ficavam a cargo de um grupo menor de jornalistas do *Correio*, sempre conduzidos por Niomar (FEITH, 2020). Nos dias seguintes, o veículo continua a divulgar arbitrariedades, prisões e a destruição da redação do

concorrente *Última Hora*. Sob o comando de Niomar, o jornal então se coloca “contra o terrorismo e a violência, contra a delação oficializada que avilta o processo de amadurecimento político do nosso povo, contra todas as medidas que se chocam com a ordem jurídica e os princípios democráticos”, como afirma na edição comemorativa de seu 64º aniversário, em 15 de junho de 1965.

A partir daí, o periódico passa também a denunciar cassações de mandatos e de direitos políticos que ocorriam sem explicação aparente e sem possibilidade de defesa, e a se colocar a favor das reformas de base e do reforço do processo de industrialização visando ao desenvolvimento. Além disso, passa a noticiar sistematicamente em suas páginas as passeatas e movimentos coletivos contra o regime. Na cobertura da Passeata que teve como estopim o assassinato do estudante secundarista Edson Luís em março de 1968, o *Correio* denuncia:

Atirando contra jovens desarmados, atirando a esmo, ensandecida pelo desejo de oferecer à cidade apenas mais um festival de sangue e morte, a Polícia Militar conseguiu coroar, com esse assassinato coletivo, a sua ação, inspirada na violência e só na violência. Barbárie e covardia foram a tônica bestial de sua ação, ontem. (Assassinato. [Editorial]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 67, n. 22999, 29 mar. 1968. 1º Caderno, p. 6).

Em 26 de junho do mesmo ano, no Rio de Janeiro, ocorre a Passeata dos Cem Mil, uma das maiores reações populares ao regime ditatorial. O *Correio da Manhã* de Niomar fez a cobertura integral do evento. Na edição do dia seguinte estampa em sua capa a manchete “Marcha do povo reúne cem mil” e na mesma edição publica o editorial “Lição de Maturidade”:

A Guanabara ofereceu ontem ao Governo edificante exemplo de maturidade política. Estudantes, professores, intelectuais, artistas, jornalistas, clero, pais e populares realizaram na mais absoluta ordem sua manifestação. [...] A ordem, a propriedade privada, os próprios federais e estaduais, a vida das pessoas foram assegurados. [...] Essa solidariedade significa voto de repulsa popular, não só à repressão policial dos últimos dias, como rejeição da consciência nacional ao confinamento do País num sistema institucional restritivo de suas liberdades, mesmo quando para mostrar essa restrição não apela para a violência ostensiva. (Lição de Maturidade. [Editorial]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 67, n. 23071, 27 jun. 1968. 1º Caderno, p.6).

Ainda no ano de 1968, no dia 7 de dezembro, a agência de classificadas do *Correio da Manhã* – o Marquês do Herval, na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro – é alvo de um atentado a bomba, deixando a sede do jornal parcialmente destruída.

No solo da agência, totalmente destruída, a bomba abriu uma cratera de mais de um metro de diâmetro, revelando até os ferros da laje. Quem quer que a tenha posto, sabia o que queria: impedir que o jornal continuasse respirando pelos classificadros. Isto porque o grosso da publicidade já se reduzira a zero: o governo federal cortara a sua e pressionava os empresários para que não anunciassem no *Correio da Manhã*. Queriam silenciá-lo por asfixia. (CASTRO, 2009, p. 157).

Figura 3 – Editorial “O Responsável” de 08/12/68



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Logo após esse atentado, é publicado um editorial – “O Responsável” (figura 3), do dia 8 de dezembro – acusando as forças governamentais de serem responsáveis pelo ataque, uma vez que nesse momento diversos veículos de imprensa do país eram perseguidos, o que se intensifica ainda mais com o Ato Institucional nº 5.

Após a imposição do AI-5, agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) cercam a sede do jornal e são instalados censores na sua redação. Niomar é presa por oposição ao governo, no dia 13 de dezembro, junto de Osvaldo Peralva e Nelson Batista, também diretores do *Correio* naquela época. A partir de então, o jornal fica 23 dias sob censura prévia. Niomar fora aconselhada a moderar a linha editorial, ainda que temporariamente, sob o argumento de que o mais importante era manter o jornal circulando,

para que pudesse continuar a lutar. Mas Niomar, com seu perfil combativo, talvez sequer soubesse como ceder (FEITH, 2020).

No seu retorno – quando é suspensa a censura, em 6 de janeiro de 1969 – os editores decidem publicar uma edição histórica e especial em que noticiavam tudo aquilo que lhes foi censurado: as proibições feitas pela imposição do AI-5, incluindo a lista de nomes de jornalistas, intelectuais e personalidades presos desde o dia 13 de dezembro do ano anterior. Continha informações sobre as prisões, torturas e as críticas da imprensa estrangeiras à “ultraditadura que se sucedia a ditadura” (CASTRO, 2009, p. 158) no país. Contudo, a edição foi apreendida na oficina e não pôde circular.

A atitude considerada transgressora pelo regime ditatorial leva Niomar a ser presa novamente, desta vez por mais dois meses – no total foram 72 dias encarcerada, 23 dos quais incomunicável. Somado a isso, o jornal teve sua circulação suspensa durante cinco dias ao final de fevereiro.

Por causa dela, a diretora-presidente do jornal, Niomar Moniz Sodré Bittencourt, foi presa e levada para um cárcere em Bangu, reservado a ladras e prostitutas. Na prisão, Niomar (tão chique quanto corajosa) recusou-se a usar o uniforme da penitenciária, alegando que era presa política, não presa comum. Nas semanas seguintes de prisão, fez greve de fome, sofreu uma tentativa de envenenamento por gás e teve seus direitos políticos cassados. Entre os regimes carcerário, hospitalar e domiciliar, ficou presa mais de dois meses — período em que a censura voltou ao jornal e, mesmo assim, ele foi ilegalmente impedido de circular por cinco dias. (CASTRO, 2009, p. 158).

Ainda em 1969, a jornalista teve seus direitos políticos cassados e foi processada pela Justiça Militar em decorrência da oposição assumida pelo jornal sob seu comando, mas conseguiu ser absolvida em novembro do mesmo ano.

Desde o início do regime, quando o *Correio da Manhã*, através de suas matérias, se reafirma incansavelmente como um veículo de resistência, ele passa a viver um impasse. Apesar do prestígio social, começa a sentir as consequências das pressões políticas e econômicas. O governo passa a manipular as verbas publicitárias dos órgãos governamentais e das estatais e a fazer pressão sobre outros anunciantes para não liberar publicidade para os periódicos contrários ao regime. Além disso, a fixação de novos impostos e a intervenção nos preços de insumos e matérias-primas, como o próprio papel do jornal, foram outras estratégias usadas para sufocar financeiramente os jornais. Sua posição contrária à ditadura custa-lhe anunciantes e aguça a crise financeira do jornal.

Como única saída, Niomar se vê obrigada a declarar concordata em março de 1969, mas não foi suficiente. Para evitar o fechamento do *Correio*, em setembro do mesmo ano ela arrenda o jornal para um grupo de empreiteiros (Maurício Nunes de Alencar e Frederico A. Gomes da Silva) da Cia. Metropolitana. O contrato entra em vigor em 13 de setembro de 1969. Ao arrendar o jornal, os empreiteiros se comprometeram a pagar seu déficit, que chegava a 4,5 milhões de cruzeiros, além de uma mensalidade de 50 mil cruzeiros a Niomar. Mas o acordo não foi respeitado e as dificuldades financeiras se perpetuaram.

Apesar de não mais à frente do jornal, Niomar não para de lutar por ele. Em 1973, o jornalista Sebastião Néri da *Tribuna da Imprensa* noticia que Niomar contesta na Justiça a quebra de contrato, apresentando uma notificação judicial contra acionistas da Cia. Metropolitana na 21ª Vara Cível da Guanabara. Entre as dívidas não pagas, mas multiplicadas, e o atraso no pagamento dos funcionários, o *Correio da Manhã* deixa de circular em 8 de julho de 1974 com uma edição de apenas 8 páginas, “sem notícias, sem anúncios e sem leitores” (BARBOSA, 2007, p. 208).

Niomar Moniz Sodré Bittencourt encerra sua atuação no *Correio da Manhã* em 11 de setembro de 1969. Abriu mão de suas funções no MAM e já absolvida de suas acusações, exilou-se em Paris. Despediu-se dos seus leitores com o editorial “Retirada” (figura 4), pelo qual recapitula tudo que enfrentou como diretora-presidente e os pontos cruciais que levaram ao arrendamento do *Correio*: sua prisão e a dos demais diretores, a entrada dos censores, a censura prévia, o atentado, a suspensão do veículo por cinco dias e as edições apreendidas na gráfica.

Figura 4 – Editorial “Retirada” de 11/09/1969



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Niomar consagrou-se e consagrou o *Correio da Manhã* como um dos principais periódicos do Rio de Janeiro e do Brasil no século XX apesar de todo estrangulamento financeiro e da repressão. Até hoje, o *Correio* é uma das maiores referências do jornalismo brasileiro.

Tínhamos a sensação de que todo o jornal e todas as editorias se empenhavam em criticar e derrubar a ditadura. O *Correio da Manhã* não sentia medo, metia a cara. Enquanto sobreviveu teve dignidade. (...) Eu me orgulhava de dizer: ‘Eu trabalho no *Correio da Manhã*. Sou do *Correio da Manhã*’. O jornal marcou bem a vida de muita gente. Os outros não me marcaram mal, porque eu não deixei. Não vesti a camisa deles. Nos outros eu trabalhei; e no *Correio da Manhã* eu fui jornalista. (CASTRO, 2010, p. 87).

3. CONCLUSÃO

A produção de um jornalismo destemido faz parte da construção da memória do *Correio da Manhã*, com as publicações transformando-se em emblemas históricos da época (BARBOSA, 2014, p. 4). No entanto, ainda segundo Barbosa (2014), a tentativa de rememorar os jornalistas como um grupo homogêneo durante a ditadura, sempre no centro da defesa da democracia, é um equívoco, já que para isso, é preciso esquecer certas fatias do passado. O centro da discussão deste artigo é a atuação de Niomar Moniz Sodré no *Correio* e como essa simbiose construiu a imagem do veículo como defensor das liberdades nesse período. Mas ao falar da ditadura no Brasil não se pode esquecer do respaldo social que o regime teve para iniciar-se com aprovação. Os editoriais “Fora!” e “Basta!” fazem parte da história de Niomar no periódico tanto quanto “O Responsável”. Portanto, seria impossível interpretar sua atuação de maneira linear.

Apesar disso, a posterior oposição ao regime imposta pela direção de Niomar e a consequente construção da imagem de “jornal combativo” atribuída ao *Correio* traz consigo dois significados importantes. O primeiro é o fato de que, na relação entre os grandes veículos de informação e o sistema político vigente, os jornais não se caracterizam apenas pelo que eles falam, mas, sobretudo, pelo que deixam de falar; pelo que não é noticiado e, assim, naturalizado. No caso do *Correio*, a decisão de se posicionar contra a ditadura vem de cima para baixo, motivo pelo qual a concepção do jornal como patrono da liberdade de imprensa deve estar atrelada à Niomar.

Niomar foi em poucas semanas de dois famosos editoriais do *Correio da Manhã* que exigiam a queda de João Goulart, intitulados “Basta!” e “Fora”, à oposição ao governo que o substituiu. Célebre foi a artilharia contra o regime militar disparada pelo time de colunistas do jornal, Carlos Heitor Cony na frente, e logo também Otto Maria Carpeaux, Hermano Alves e Márcio Moreira Alves. Nas páginas de notícias, sempre que as brechas da censura permitiam, a publicação denunciava prisões e tortura. (TOLEDO. Kay e Niomar. **Revista VEJA**, Brasil, n. 2569, p. 98, fev. 2018.)

Assim, cabia aos proprietários dos jornais a decisão de ser contra a ditadura. Os jornalistas apenas cumpriam ordens. Portanto, a ampla cobertura do *Correio da Manhã*, a reação contra as prisões de alguns jornalistas, mesmo sob a ameaça de ter a edição apreendida, era uma prerrogativa dos quadros superiores da empresa, como no caso de Niomar Muniz Sodré, proprietária do jornal. (BARBOSA, 2014, p. 8)

O segundo ponto é que Niomar não ocupa apenas o espaço a favor da liberdade da imprensa. Partindo do contexto da época, pode-se significar também que por estar ela no

comando de um jornal em que o expediente é majoritariamente composto por homens, marca-se um símbolo de representatividade e resistência social. Cercada de homens, na redação ela era a respeitada “dona Niomar” (FEITH, 2020). Ao longo de sua trajetória particular, fora interpretada como uma mulher “rebelde” – inclusive, seria um dos motivos supracitados pelo qual Paulo Bittencourt teria se apaixonado por ela – ao se posicionar na linha de frente pelas reivindicações tanto de seus direitos como proprietária de um jornal de grande alcance, quanto como presença feminina inserida em um ambiente estruturalmente opressor. A influência de mulheres como Niomar e o valor de suas representatividades precisam estar na consciência histórica popular. Dos 305 conjuntos documentais privados guardados pelo Arquivo Nacional (AN), apenas 26 são de mulheres, sendo Niomar uma delas. O que demonstra a falta de representatividade feminina em espaços de poder e liderança (AN, 2017).

É válido ressaltar, por fim, que a influência de Niomar no *Correio da Manhã* compõe parte do processo de modernização da imprensa, e suas figuras destacam-se, lado a lado, no recorte da imprensa carioca durante o regime militar. É de suma importância creditar grande parte do posicionamento do *Correio* durante a ditadura à Niomar.

No discurso que pronunciou na homenagem que amigos lhe prestaram num banquete no Museu de Arte Moderna em 26 de novembro de 1986, num tom de renúncia e prestação de contas, ela [Niomar] disse: “Não medi sacrifícios para permanecer fiel a mim mesma e ao destino do jornal que marchou conscientemente para a possível extinção. Mas eu tinha como lema que a liberdade é um dogma, e à liberdade dei tudo e tudo sacrifiquei... O *Correio da Manhã* foi destruído pela ditadura que desgraçou o Brasil. Mas não me arrependo do que fiz no cumprimento do destino que a História me reservou. Em minhas mãos ele não fraquejou nem se curvou diante da violência e da corrupção instaladas como norma, no país inteiro.” (ATALA. A lenta agonia do *Correio da Manhã*. **Jornal da ABI**, Brasil, n. 367, p. 18-21, jun. 2011.)

Mesmo colocando em risco o patrimônio que herdara, Niomar insistia que o jornal era uma herança moral, que vai muito além da materialidade (FEITH, 2020). Evidencia-se, assim, que suas atitudes tiveram reflexos diretos não apenas na imagem do *Correio da Manhã* naquele período, mas também na construção de uma memória futura e duradoura do jornal.

REFERÊNCIAS

AN – Arquivo Nacional. Ministério da Justiça. Acervo do AN. **Mulheres na história**. Escrito por Mirian Lopes Cardia, 10 jul. 2017. Disponível em <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/589-mulheres-na-historia.html>. Acesso em: 04 jun. 2020.

ANDRADE, Jeferson de (com a colaboração de SILVEIRA, Joel). **Um jornal assassinado: A última batalha do *Correio da Manhã***. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1991.

Assassinato. [Editorial]. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, ano 67, n. 22999, 29 mar. 1968. 1º Caderno, p. 6.

ASSIS, Carolina Silva de. **O *Correio da Manhã* no processo de modernização e concentração da imprensa carioca nos anos 1960 – 70**. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

ATALA, Fuad. A lenta agonia do *Correio da Manhã*. **Jornal da ABI**, Brasil, n. 367, p. 18-21, jun. 2011.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História Cultural da Imprensa. Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e Golpe de 1964: entre o silêncio e memórias de fatias do passado. **Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)**, 2014.

BERGER, Christa. **Quando a direita bateu continência e a esquerda radicalizou, foi para a rua e acabou na prisão: tudo sob os holofotes da imprensa escrita**. Porto Alegre: Organon, 2009.

CAMPOS, Raquel Discini de; NEIVA, Renata Maria de Oliveira. **A Feira de Utilidades de Clarice Lispector/Helen Palmer e a Educação das Mulheres no *Correio da Manhã* (1959 – 1961)**. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2014.

CASTRO, Bertholdo de. In: **Memória de repórter: lembranças, casos e outras histórias de jornalistas brasileiros**. Coordenação Geral: Suzana Blass. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2010.

CASTRO, Ruy. **O leitor apaixonado: prazeres à luz do abajur**. Organização de Heloísa Seixas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. **A ditadura militar e a grande imprensa: os editoriais do *Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã* entre 1964 e 1968**. USP, São Paulo, 2012.

CORRÊA, Flávia Rocha Bessone. Biografia de Niomar por Flávia Bessone - I. **Blog Esquecida Niomar**, 24 ago. 2012. Disponível em <http://esquecidaniomar.blogspot.com/2012/08/biografia-de-niomar-por-flavia-bessone-i.html>
Acesso em: 07 jul. 2019.

CORRÊA, Flávia Rocha Bessone. Biografia de Niomar por Flávia Bessone - II. **Blog Esquecida Niomar**, 25 ago. 2012. Disponível em <http://esquecidaniomar.blogspot.com/2012/08/biografia-de-niomar-por-flavia-bessone.html>
Acesso em: 07 jul. 2019.

CORRÊA, Flávia Rocha Bessone. Biografia de Niomar por Flávia Bessone - III. **Blog Esquecida Niomar**, 26 ago. 2012. Disponível em http://esquecidaniomar.blogspot.com/2012/08/biografia-de-niomar-por-flavia-bessone_26.html
Acesso em: 07 jul. 2019.

CORRÊA, Flávia Rocha Bessone. Biografia de Niomar por Flávia Bessone - IV. **Blog Esquecida Niomar**, 27 ago. 2012. Disponível em http://esquecidaniomar.blogspot.com/2012/08/biografia-de-niomar-por-flavia-bessone_27.html
Acesso em: 07 jul. 2019.

CORRÊA, Flávia Rocha Bessone. Biografia de Niomar por Flávia Bessone - VI. **Blog Esquecida Niomar**, 29 ago. 2012. Disponível em http://esquecidaniomar.blogspot.com/2012/08/biografia-de-niomar-por-flavia-bessone_29.html
Acesso em: 07 jul. 2019.

CORRÊA, Flávia Rocha Bessone. De coadjuvantes a protagonistas: a trajetória de três mulheres que trocaram os salões de sociedade pelo controle de grandes jornais brasileiros nas décadas de 50 e 60. Dissertação de Mestrado. PPGHSC/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2001.

DUBEUX, Simone. A Passeata dos “Cem Mil” na Cidade do Rio de Janeiro no Ano de “1968”. Petrópolis: **Anais do XXIV Encontro Anual da ANPOCS**, 2000.

CPDOC Fundação Getúlio Vargas. Verbete: Correio da Manhã. **Dicionário Biográfico da FGV**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha> Acesso em: 07 jul. 2019.

CPDOC Fundação Getúlio Vargas. Verbete: SODRÉ, Niomar Muniz. **Dicionário Biográfico da FGV**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/niomar-muniz-sodre-bittencourt> Acesso em: 07 jul. 2019.

FEITH, Roberto. In: **Brasileiros**. Organização de José Roberto de Castro Neves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

Lição de Maturidade. [Editorial]. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 67, n. 23071, 27 jun. 1968. 1º Caderno, p. 6.

SACRAMENTO, Igor; MATHEUS, Leticia Cantarela. **História da comunicação – experiências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1999.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Kay e Niomar. **Revista VEJA**, Brasil, n. 2569, p. 98, fev. 2018.

VIEIRA, Luiz Renato. **Consagrados e Malditos: os Intelectuais e a Editora Civilização Brasileira**. Brasília: Thesaurus, 1998.